

## **A MODERNIDADE DOS BANGALÔS NA RENOVAÇÃO URBANA DE SÃO LUÍS**

**LIMA FRANCO, GISELE**

1. Universidade Estadual do Maranhão. Departamento de Arquitetura e Urbanismo.  
Rua da Estrela,472,Centro  
*limagiselefranco@gmail.com*

### **RESUMO**

São Luís é reconhecida como cidade patrimônio mundial, devido a seus prédios tradicionais portugueses. Porém, dentre esses existem exemplares modernos assim, devido proteção ao patrimônio colonial, o poder público negligencia os imóveis modernistas, oportunizando alterações nestas edificações arquitetônicas. A abordagem deste trabalho é demonstrar a importância dos bangalôs no contexto urbano moderno, desde os eixos de renovação urbana, executados pelo prefeito Paulo Ramos nos anos de 1936 e 1945, catalogando exemplares nos trechos do crescimento urbano. O bangalô foi utilizado durante o período de modernização, no século XX, contraponto ao padrão de moradia colonial, por influências do cinema norte americano, assim, realizou-se adaptações na tipologia do bangalô, desde sua origem norte americana ao uso em São Luís. Dentre as transformações, está a transição do uso residencial para comercial, que desmerece o valor desses edifícios, por descaracterizá-los gradualmente. Dessa maneira, o artigo é resultado de uma pesquisa voluntária de PIBIC UEMA para a catalogação dos bangalôs, como meta, um recorte da relação desses imóveis na capital do Maranhão e realizar um parâmetro da atual situação quanto ao uso no contexto urbano. Logo, o artigo tem por finalidade destacar a valorização dos edifícios do período moderno no Brasil.

**PALAVRAS CHAVE:** BANGALÔS; ARQUITETURA MODERNA; ARQUITETURA.

## Introdução

O centro histórico de São Luís possui essência originalmente colonial com detalhes tradicionalmente portugueses nos casarões e no traçado urbano. Por conta disso, desde a década de 1970, esta zona patrimonial recebe um cuidado especial por parte de órgãos públicos para resguardar seu valor histórico, tornando-se uma cidade tombada pelo IPHAN e anos mais tarde patrimônio da UNESCO.

Contudo, a história urbana não ficou guardada apenas a esse passado colonial, a datar do fim do século XIX, algumas características ecléticas são incrementadas aos novos casarões, que eram construídos no entorno. Logo, no século XX, a linguagem arquitetônica do modernismo adentra no contexto urbano de São Luís, após a execução do *Plano de Extensão e Remodelação* da cidade.

Este projeto, com princípios modernistas, é concretizado na década de 1930, pelo prefeito Otacílio Saboya em seus primeiros anos de mandato. O que viabiliza o alargamento de algumas ruas do centro histórico por meio da demolição de uma parcela do antigo acervo colonial, isso possibilitando a introdução de novas linguagens arquitetônicas em meio ao patrimônio histórico, como o ecletismo, o bangalô e o modernismo.

Desse modo, este artigo irá relatar que os exemplares de bangalôs construídos pela classe média ludovicense, mesclam referências às linguagens arquitetônicas europeias criadas antes e durante o século XX, ainda que estes tipos de edificações residenciais só puderam adentrar o espaço urbano durante o momento moderno no Brasil.

## 1. Contexto Teórico, Eclético e Moderno

Primeiramente é importante salientar que em São Luís não houve um período eclético, característico como em outras cidades do Brasil. Dessa forma muitas residências coloniais possuem elementos do ecletismo, sendo que essas casas por vezes se confundem aos bangalôs. Contudo, o período em que esses são agregados à cidade é anterior à chegada do bangalô ao Brasil. Dessa forma o ecletismo propriamente dito ocorreu anterior ao período moderno, do fim do século XIX ao início do XX, logo após o movimento neoclássico (1850). Esse estilo, que tem como fundamentação aplicar as inovações da revolução industrial, utilizou detalhes nas fachadas de residências como os novos materiais que estavam sendo desenvolvidos pelas indústrias, entre eles o ferro e o vidro, contudo, a particularidade dentro do ecletismo está na sua técnica de mesclar e utilizar diferentes estilos de arquitetura em um mesmo edifício. Em São Luís, as características ecléticas foram apenas para as platibandas dos casarios ou em elementos decorativos, não se aplicando, portanto, aos bangalôs.

Neste artigo, considera-se a arquitetura moderna representativa do estabelecido por Le Corbusier em 1926, centrando-se nos cinco pontos do modernismo, os quais são: o pilotis, planta livre, janelas ao longo da fachada, ausência de ornamento e o teto jardim. Dessa forma, em São Luís observa-se uma linguagem moderna que chega tardiamente utilizando os materiais de concreto e ferro, mas em alguns casos agregando outras modernidades. (Segawa, Hugo)

Quando aborda-se essas informações sobre o modernismo para a cidade de São Luís, percebe-se que parte das construções hoje denominadas de bangalôs, tem características que unem o pilar modernista do modo de construção e intervenção na cidade, mas com alguns detalhes de *revivals* de outras linguagens arquitetônicas.

Com isso, o bangalô só surge no conhecimento brasileiro no início do século XX, com as influências do cinema e revistas americanas no Brasil. Dessa forma, antes da década de 1930 não existiam bangalôs na cidade de São Luís. Isso porque grande parte das avenidas e ruas, nas quais os bangalôs estão presentes, não existiam, provando que mesmo com características que remetem ao ecletismo, os bangalôs presentes na Rua do Egito, Avenida Magalhães de Almeida e Beira Mar, foram construídos em meio ao período modernista do país. Assim, ainda que alguns dos bairros que circundam o centro da cidade já possuíssem

uma população significativa, apenas após a construção das novas vias de acesso ao centro houve a divisão dos lotes em suas laterais, onde encontram-se atualmente os bangalôs.

Quanto ao local de construção destinado para essa frente de linguagem de arquitetura modernista, em São Luís, diferente de outras cidades do Brasil, esse tipo de edifício se instalou no entorno da renovação urbana ocorrente no centro histórico na metade século XX, abordando, por vezes uma arquitetura anterior a esse século, mas que mesclava seu método construtivo ao método modernista. Portanto, pode-se observar que na paisagem da cidade de São Luís, a linguagem da arquitetura modernista percorre o novo traçado do centro, nos novos lotes abertos pela renovação urbana.

A presença dos bangalôs como edificações residenciais no centro histórico de São Luís faz com que essas possuam uma singularidade dentre às antigas residências coloniais, tornando-as notoriamente destaque na paisagem urbana.

Assim, fica evidente que o modernismo como um todo não apenas simplificou o edifício, ele trouxe junto à outras linguagens arquitetônicas, diferentes formas, mais degraus, afastamentos, mais cores e outros elementos, dentre os quais o modernismo aborda em seus diversos diálogos entre a arquitetura e a cidade. Logo, uma contradição, quando se pensa apenas no modernismo associado à planta livre de Le Corbusier, uma vez que, quando se relata o movimento moderno, trata-se boa parte das vezes do concreto bruto, na cidade cinza e branca, simplificando demasiadamente a importância que essa escola exerceu dentro da renovação urbana de cidades como São Luis, por exemplo.

## **2. Contextualização do moderno em São Luís**

### **Plano de Extensão e Modernização**

O modernismo chega a São Luís pelas ideias de José Otacílio Saboya Ribeiro até a época prefeito da cidade, na década de 1930. Este era responsável pelo *plano de extensão e modernização* da cidade, uma inspiração do plano de embelezamento do Rio de Janeiro.

Antes disso, o único plano pelo qual a cidade passara foi devido a *Lei Orgânica dos Municípios* de 1927, que tinha o intuito de melhorar os prédios públicos e construir na cidade a base de uma infraestrutura viária e sanitária. É neste período que começam as construções com uso de concreto armado, (Guia de São Luís, p.27/28), estrutura completamente diferente da utilizada na época e base para as construções modernistas.

O engenheiro Otacílio, que antes já havia trabalhado em projetos de extensão de outras cidades, como Juiz de Fora e São Sebastião em São Paulo, observava a cidade de São Luís como se essa estivesse imersa dentro de um passado histórico que apenas a levaria a regredir, quando se comparada à outras grandes cidades do Brasil, às quais estavam evoluindo para o progresso urbanístico.

Nesse sentido, para o prefeito Otacílio, o *Plano de Extensão e Remodelação* de São Luís tinha três eixos principais que motivaram sua idealização e nortearam a dissolução dos problemas encontrados. “*Eram estes pontos, a maneira negativa como a cidade antiga se apresentava*”, (SABOYA RIBEIRO,1937,ANTÔNIO LOPES, p.165) *o retrocesso cultural e arquitetônico em que a cidade estava imersa e a ausência de planos urbanísticos para a modernização da malha urbana.*

Essas três linhas de pensamento vinham de inúmeras problemáticas que o prefeito havia observado, sobretudo, no centro histórico da cidade. Dessa forma, ele pontuou a falta de saneamento, ou “defeitos de higiene”, a qual justificaria a demolição de ruínas ou casarões em estado de degradação, o déficit habitacional solucionado de modo ineficiente e insalubre pelos cortiços e albergues, isso tudo junto à repetição da linguagem tradicional portuguesa nas fachadas, que demonstrava o apego ao passado, “*mas não condizia com a actualidade*” (O Imparcial: 25/02/1937) e por fim, a permanência do traçado tricentenário, que “*jamaís recebera qualquer remodelação systematica ou melhoramento extensivos*”(SABOYA RIBEIRO,1937, ANTÔNIO LOPES, p.168).

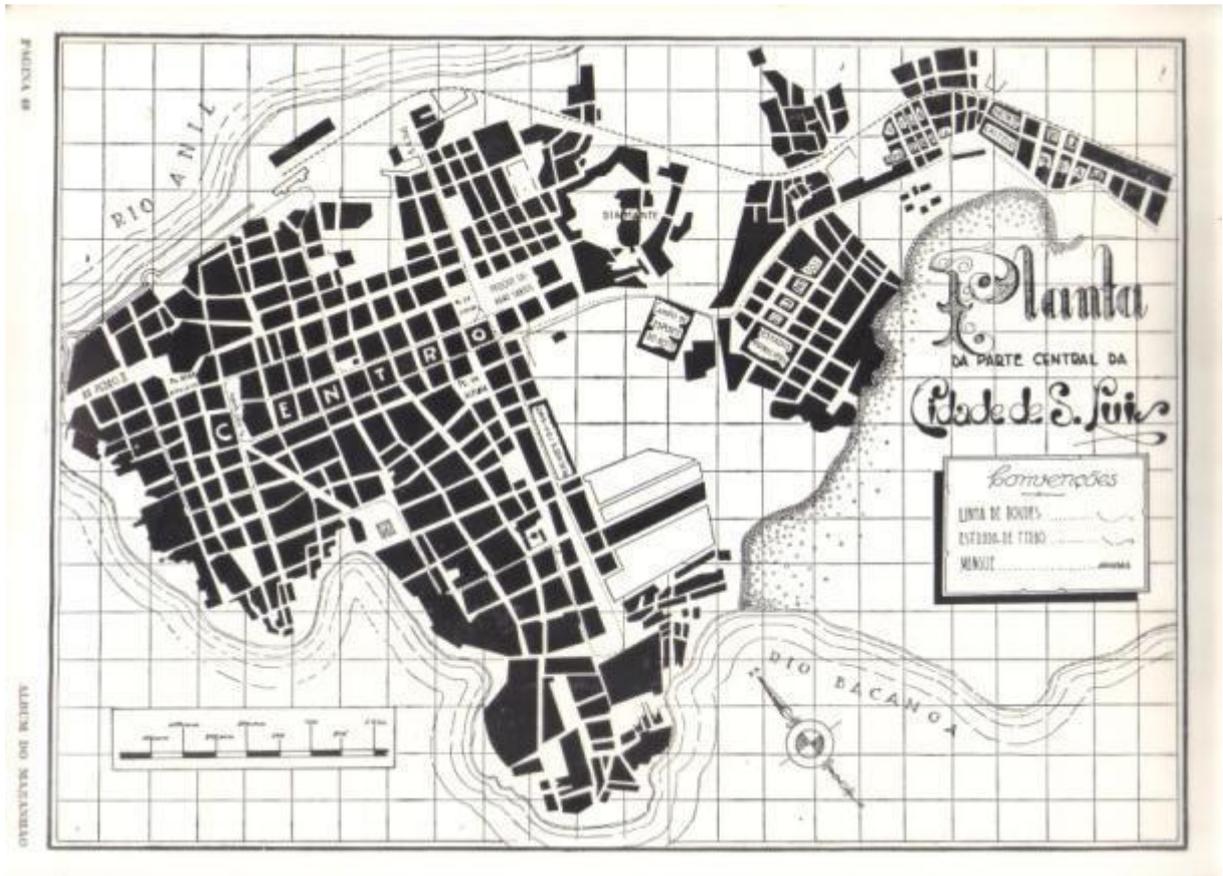
Desse modo, para o prefeito e sanitarista, era dever da prefeitura fornecer “*os elementos necessários ao seu soerguimento, realizando obras dentro de uma plano de conjuncto*”(SABOYA RIBEIRO,1937). Assim, antes da realização de tais projetos era necessário reorganizar o sistema de funcionamento da prefeitura, criando as comissões organizadoras, previstas no código de postura, cujas funções eram detalhar as ideias e projetos iniciais do prefeito para ter conhecimento do que deveria ser modificado e então construir o grande *plano de remodelação urbanística* de São Luís.

Entretanto, dentro dos ideais de melhoria de Saboya, nenhum aspecto de melhoria era superior a outro, de modo que todos iriam ser trabalhados igualmente dentro da cidade, exemplo disso é o aspecto histórico da cidade, que não iria se sobressair à clara necessidade de saneamento dos edifícios e remodelação do centro histórico. Fato este que não agradou a parcela defensora do “espírito tradicional” presente no centro, estudiosos que alegavam que para preservar o patrimônio ou áreas históricas era necessário resguardar o

bairro de construções e modificações modernistas na morfologia urbana, mantendo assim uma suposta unidade das edificações e mantendo o traçado original intacto. (ANTÔNIO LOPES, p.194).

Conseqüentemente, logo após o plano de saneamento, o projeto de remodelação do traçado urbano pensado pelo prefeito, iria modificar para sempre a paisagem presente no centro histórico da capital, local onde essa proposta mais demandava atenção. O projeto que conectava todos os eixos de problemáticas era a idealização de uma interligação entre os equipamentos urbanos e espaços livres da cidade, sendo alguns desses espaços, até então, existentes apenas em seus planos, exemplo desses são a Praça João Lisboa, Praça do Mercado e Estação Ferroviária.

Com isso, para realizar essa conexão, foi necessário a construção de um rasgo na diagonal no centro, ampliando a largura de algumas das ruas e construindo outras avenidas, assim, cita-se as Avenidas Magalhães de Almeida, Rua das Cajazeiras, Rua da Paz, Rua Sete de Setembro, Ruas Jacinto Maia e Belarmino Matos. Obras estas que estabeleceriam um centro cívico na cidade, pois daria espaço para a construção dos *pontos nodais* que conectam e reorganizaram o tráfego urbano, criando, conseqüentemente, espaço para a construção dos prédios públicos modernistas, indispensáveis para o funcionamento da cidade.(ANTÔNIO LOPES, p.174/175) Desta mesma obra resultam, também, os bangalôs e parte das residências modernistas que rodeiam o centro, uma vez que, outro plano do prefeito Otacílio era a conexão da Avenida Beira Mar ao centro cívico urbano.



Mapa do Maranhão de 1950 - Álbum Miécio Jorge página 40; acervo da Biblioteca Pública;

Dentre outras realizações importantes do prefeito Saboya, destacou-se o incremento dos novos aspectos normativos, um deles e talvez o mais significativo para o melhoramento da cidade foi o Código de Posturas do Município de São Luís. Uma vez que, o código municipal de 1893 era ultrapassado e não mais atendia às novas necessidades da cidade, o novo código teve o papel de ordenar os planos de desenvolvimento urbano. Com isso, a então norma escrita em 1936 tinha princípios baseados no “*embelezamento, ventilação, salubridade, higiene e transporte urbano*”, pontos indispensáveis para a melhoria da cidade. (Código de Postura do Município de São Luís 1936, Art. 21, ANTÔNIO LOPES, p.185)

### 3. A Origem do Bangalô – Da Índia a São Luís

O bangalô foi originalmente identificado na região de Bengala, na Índia, durante a colonização inglesa, que ocorreu na metade do século XIX. Esse é disseminado pelo mundo e entra no Brasil através do cinema americano e revistas da época trazidas pelas elites da sociedade brasileiras em suas viagens ao exterior. Esta elite é, portanto, responsável pela construção dos primeiros bangalôs no território brasileiro, linguagem esta que se diferencia da paisagem usual e do tipo de moradias das principais cidades brasileiras. (*Oliveira dos Santos, Karla, p 3*)

A princípio, a maior vantagem constatada pelos ingleses nesse tipo de residência, era que o *bangla ou bangalô*, era uma arquitetura tipicamente indiana, destinada à moradia do camponês. Esse colonizador então começa a adotar o mesmo estilo de moradia do local, para se apropriar do espaço natural do novo país, isso, uma vez que as moradias tipicamente inglesas nunca se adaptariam a um clima de natureza tão quente e úmido como o da Índia. Outro ponto observado era a necessidade de diversas aberturas nas residências camponesas pra que a circulação da ventilação funcionasse de maneira eficiente, diferente das casas inglesas da época, as quais eram o máximo possível fechada para proteger do frio e das constantes chuvas. Contudo, o ponto mais significativo dentre as características do bangalô, quando comparados às casas inglesas, eram *as varandas*. (*Oliveira dos Santos, Karla, p 7*)

Com isso, é fato indiscutível a ser analisado, que o bangalô que se conhece hoje é bem diferente das primeiras residências encontradas na Índia, assim, inicialmente essa arquitetura vernacular era construída com palhas de bambu e barro, onde com o tempo o colonizador foi adaptando a moradia camponesa a sua necessidade cotidiana e privacidade, como a inclusão de mais cômodos e quartos, aumentando seu tamanho e elevando a edificação cerca de 60cm do solo. Dessa forma, o bangalô se estabelece como a residência típica do colonizador no país, porém sem modificar sua principal característica original, a varanda frontal ou por vezes circundando todo o beiral. (*Oliveira dos Santos, Karla, p 6*)

A simplicidade com que o colonizador Inglês modificou e se apropriou do bangalô fez com que ele percebesse que se poderia utilizar essa tipologia nos diversos outros países que faziam parte do seu domínio, com isso, também, poderia utilizá-lo para outras funções não só no campo, mas também na cidade. Por conta disso, o bangalô pode ser encontrado em

outros continentes, com diversos materiais e ornamentos, contudo, ainda com suas características próprias de planta e varanda.

É nessa linha de raciocínio que no início do século XX o bangalô não chega mais à Inglaterra como tipo de moradia vernacular, mas sim como residência modernista, que passa a se encaixar perfeitamente nos planos urbanísticos que estavam sendo criados na época. Os planos urbanísticos desenvolvidos na Europa tinham como objetivo ampliar a construção de moradias de modo mais simples e rápido, nos subúrbios das grandes cidades e solucionar o déficit de moradia que ocorriam nos países. Desse modo, iria ocorrer à distribuição de moradias para as classes operárias que ocupavam os antigos prédios do centro e instalar infraestrutura e saneamento pela cidade, o principal programa urbano, o qual instalou o bangalô aos subúrbios ingleses foi a *Cidade Jardim*. Portanto, é em função de programas como esse que hoje se pode encontrar bangalôs instalados em vários subúrbios, tanto no interior britânico como na América do norte. (*Oliveira dos Santos, Karla, p 7*).

É da América do Norte que o Brasil herda principalmente a cultura da arquitetura bangalô, devido a tratados comerciais entre o norte da América e o Brasil e com isso o constante intercâmbio de ideias, revistas e filmes que aos poucos se instalou, inicialmente nas grandes cidades brasileiras e depois no interior paulista, os primeiros bangalôs modernistas. A técnica construtiva chega ao país trazendo tanto o novo modelo de residência quanto a nova perspectiva de moradia europeia, que conectava o homem à natureza e o afastava das grandes cidades, além disso, ela disseminava o conceito de cada moradia em um lote e possibilitava, junto aos planos urbanos, afastamentos e recuos laterais e frontais. (*Oliveira dos Santos, Karla, p 9-14*)

#### 4. Singularidade do Bangalô em São Luís

Em São Luís o primeiro registro sobre a arquitetura bangalô apareceu na revista *Cruzeiro*, na década de 1930, mesma época que ocorreu o início do planejamento do *Plano de Extensão e Remodelação* para modernização da cidade de São Luís, pelo prefeito Otacílio Ribeiro. A matéria desta edição da revista *Cruzeiro* trás relatos sobre o cotidiano da vida na America do Norte no início do século XX, com detalhes fotográficos das residências, em específico, como eram os bangalôs na Califórnia e segundo *Joaquim Itapary*, as construções em São Luís eram copiadas de jornais e revistas que relatavam a vida das grandes estrelas de Hollywood. Coincidência ou não, a Califórnia foi um dos locais da América do norte ao qual o bangalô foi mais utilizado, devido a maior semelhança ao clima indiano.



*Revista Cruzeiro, 1930; acervo da Biblioteca Pública;*

Logo, pode-se perceber que os bangalôs e nesse ponto incluem-se as residências as modernistas, não chegaram à cidade de São Luís e nem ao Brasil como método prático e simples para resolver um déficit de moradia no meio urbano, ou para se adequar a um plano urbano. As residências modernistas e os bangalôs em São Paulo foram construídos por meio de influências culturais estrangeiras, em casos, foram construídas em cidades menores do interior paulista, mas não como moradia permanente, mas sim utilizadas como casas de campo pelos fazendeiros de café.

Apesar disso, em uma análise comparativa pode-se dizer que em São Paulo onde bairros inteiros foram criados com o novo ponto de vista, no qual cada lote seria destinado a uma residência e o bangalô foi, em casos, adotado como linguagem para essas ocupações modernas. Quadro diferente do que ocorreu em São Luís, onde esses bangalôs foram inicialmente construídos dentro do centro histórico e por influências modernistas do prefeito Saboya, o qual implantava, na mesma época, o plano urbanístico para instalar o saneamento e renovar o centro da cidade. Portanto os novos lotes no entorno das novas avenidas incorporadas por Saboya não eram apenas destinados a residências, mas, sobretudo, a instituições com linguagem modernista que uma cidade com influências no período exigia.

Após esse período inicial de planejamento de abertura das vias dentro e no entorno do centro – *Rua do Egito, Magalhães de Almeida e Beira mar*- houve a necessidade de construir avenidas maiores em direções contrárias ao centro histórico, isso porque nessa época já existiam outros pontos habitados na cidade. Por consequência desse desenvolvimento, no percurso da Avenida Getúlio Vargas, onde existia terreno suficiente, foram construídos exemplares de bangalôs mais amplos em lotes maiores, assim como em São Paulo na Avenida Paulista, diferentes do padrão menor encontrado no centro histórico.



Imagem bangalô localizado na Av. Getúlio Vargas retirada do álbum do Maranhão 1950, Miércio de Miranda Jorge, acervo da Biblioteca Pública;  
Fotografia Gisele Franco 2014

Dentre as características das diversas linguagens adotadas nos bangalôs presentes na cidade, tanto no centro quanto nos bairros próximos, pode-se observar uma mescla de detalhes, ainda que adotem o método construtivo da linguagem moderna. Esses detalhes podem ser notados dispersos pelas edificações podendo estar presentes dentre portas, janelas, figuras cravadas na fachada, pequenos ornamentos, pilares ou vitrais, detalhes às vezes não explícitos, mas que diferenciam as construções. Desse modo, observa-se bangalôs com tendências a linguagens diferenciadas como Neoclassicismo, Neocolonial, Modernismo, Art Déco e Art Nouveau, por vezes, na combinação dessas linguagens em apenas um exemplar, em outras, apenas em uma característica explícita de uma linguagem, constatando que, hoje em algumas dessas antigas residências, devido à quantidade de alterações não é possível identificar os detalhes originais das construções.

Com a abertura da Avenida Magalhães de Almeida, Rua do Egito e construção da beira mar, os moradores precisavam caminhar segundo a modernização da cidade, o estilo de vida urbano já não era o mesmo do antigo século e as necessidades para moradia eram outras. Os bangalôs próximos à beira mar deixam evidente a classe social moradora e o que essas pretendiam com essa moradia. Ao mesmo tempo em que buscavam a aparência bucólica, queriam estar em contato direto com o centro de comércio local e fonte de trabalho.

Essa dinâmica na paisagem do centro histórico evidencia que houve transformações modernas na malha urbana, isso, pois além de diferenças claras entre as ruas antes da década de 40 e depois, como a largura da caixa da via, os edifícios presentes na Rua do

Egito, por exemplo, são inteiramente distintos dos edifícios de estilo colonial que prevalecem em seu entorno.

## 5. Exemplos de Bangalô em São Luís.

### Exemplos da Rua do Egito



*Fotografia Franco Lima, Gisele;2014*



*Fotografia Franco Lima, Gisele;2014*



*Fotografia Franco Lima, Gisele;2014*



*Fotografia Franco Lima, Gisele;2014*

Os exemplares de bangalô localizados na Rua do Egito apresentam características singulares, pois as residências diferenciam-se entre si. Essa rua, como já foi citado anteriormente, participou do *Plano de Extensão e Remodelação* realizado em 1936 por Otacílio Ribeiro, nesse contexto pode-se destacar as influências modernistas nos edifícios, mas principalmente tendências de outras modernidades como o neoclássico.

Nesta rua pela proximidade do centro comercial, as antigas residências são utilizadas para fins institucionais ou órgãos públicos, contrariando aos bangalôs localizados na Praça Deodoro e Avenida Getúlio Vargas, onde se predominam o uso comercial.

### Exemplares da Avenida Getúlio Vargas



Imagem bangalô localizado na Av. Getúlio Vargas retirada do álbum do Maranhão 1950, Miércio de Miranda Jorge, acervo da Biblioteca Pública;



Fotografia Franco Lima, Gisele;2014

A Avenida Getúlio Vargas, obra realizada posteriormente a abertura da Avenida Magalhães de Almeida, possui exemplares menos ornamentados que a Rua do Egito. É visível também que estes bangalôs sofreram mais alterações se comparados os demais locados no interior

do centro, talvez pela maior liberdade na ausência de fiscalização, desse modo, se pôde perceber que alguns estão sem utilização no momento, já outros as modificações estão na aplicação de vidro para vedação interna e uso de ar condicionado, mudanças nos muros ou grades e instalação de placas nas fachadas quando usadas para fins comerciais ou institucionais.

### Exemplar Na Avenida Beira Mar



*Fotografia Franco Lima, Gisele;2014*

Na Avenida Beira Mar os bangalôs são mais utilizados como residências uni familiares, Algumas ainda descendentes das primeiras famílias que ali viveram. Desse modo, devido a construção ser um bem da família essas ainda não compreendem o valor histórico das residências e constantemente realizam modificações nas residências, tanto para conservar, como pinturas e troca das telhas, tanto como alterações maiores, como realizar mudança de cômodos, elevar o muro dentre outras. Outro ponto importante é que com famílias residentes nessas construções se torna por vezes complicado entrar nas casas par observar

como de fato essas estão sendo utilizadas e o que essas apresentam de peculiaridade da época.

## **Conclusão**

Em virtude do modo como a colonização portuguesa ocorreu em São Luis, ela possui um domínio inicial sobre a linguagem dos edifícios do centro histórico, domínio esse, que se perpetuou durante séculos na história da cidade. Com essa condicionante, pode-se observar que a linguagem colonial predomina sobre parte expressiva do conjunto patrimonial de todo o centro e bairros próximos a ele.

Nessa linha de conclusão, a proteção estabelecida por órgãos como IPHAN e a UNESCO ao acervo colonial, é fundamental para salvaguardar a parcela histórica da chegada dos portugueses ao Maranhão, pois, como é de conhecimento, principalmente de nós, Arquitetos e Urbanistas, preservar o patrimônio histórico é a melhor maneira de estudar o passado da cidade.

No entanto, a história não está escrita apenas pelo que foi protegido e conservado a partir de 1974, isso, pois, foi constatado que houve alterações sobre a área do centro, antes da decisão de tornar toda a soma do conjunto colonial imutável. Desse modo, as transformações realizadas com maior impacto ocorreram, sobretudo, durante o período moderno no Brasil, inicialmente modificando a morfologia urbana e logo no contexto, o incentivo à construção de prédios com linguagens modernistas.

A modernização realizada pelo prefeito Otacílio Ribeiro cria na malha urbana um rasgo facilmente identificável quando se analisa o mapa do centro histórico. Nessa faixa de abertura, construída com o objetivo de ligar os equipamentos urbanos mais importantes da época, também é onde se encontra grande parte dos exemplares que se diferenciam da linguagem tradicional portuguesa na região mais antiga do centro.

Com isso, o bangalô, principal objeto de estudo nesta pesquisa, inserido também durante essa alteração modernista do traçado, foi implantado à medida que a faixa de transformação permeava pela cidade. Isso, uma vez que se nota a presença das edificações com esse caráter apenas nas avenidas e ruas construídas após a década de 1930. Além deles, na mesma linha de modificação da linguagem da paisagem urbana, também estão os prédios

modernistas destinados às instituições e outros prédios importantes, como o mercado municipal com características art déco.

Essas edificações geralmente se destacam na paisagem urbana por não relacionar-se completamente às particularidades da linguagem colonial e nem às características típicas do movimento modernista. Assim, dentro da sua própria singularidade, o bangalô presente na cidade de São Luís, não obedece a padrões, ele é uma combinação de linguagens e momentos da arquitetura, mesmo que sua técnica construtiva se relacione mais ao período moderno.

Também fica evidente, depois da análise realizada dentro da trama modernista do centro, que tanto os exemplares de bangalô, quanto os edifícios modernistas, possuem uma facilidade quando à sua reabilitação, dado que, a apropriação desses edifícios necessita menos restauro ou modificações que os antigos casarões coloniais. No caso dos bangalôs em específico, devido a sua maior proximidade com os dias atuais, contrário aos edifícios coloniais, possuem paredes de vedação e não portantes, o lote é menor, o que pode ser ocupado por famílias ou pequenas empresas, possui mais cômodos bem divididos e de modo geral estão próximos às ruas às quais podem ser transitadas por automóveis.

Assim, principalmente os exemplares locados na Rua do Egito e Avenida Getúlio Vargas, têm sido destinados ao uso comercial ou repartições públicas. Na maioria não foram realizadas grandes modificações em suas fachadas, a maior parte das modificações são internas, como aplicação de forros e divisórias, instalação de rede elétrica moderna e pintura. E como já foi relatado anteriormente, a adequação desses edifícios a usos atuais é mais simples, não se fazendo necessárias grandes alterações em sua tipologia para ocupação dos mesmos.

Dessa forma, embora esses edifícios não tenham normas específicas para sua readequação, é possível observar, ainda que em detalhes, a autenticidade das características arquitetônicas executadas em cada um dos exemplares. Portanto, apenas por uma análise visual fica evidente a individualidade de cada bangalô, que parte da tendência a seguir basicamente uma linguagem arquitetônica.

Contudo, ainda que evidente a singularidade dos bangalôs, esses continuam não sendo vistos como patrimônio presente no cotidiano da cidade. Nesse contexto, a falta de normas ou leis destinadas à manutenção da arquitetura modernista, que por um lado, torna a reutilização dessa linguagem da arquitetura um processo mais simples e rápido, por outro

gera uma enorme lacuna para a descaracterização desses edifícios. Tais edifícios que têm como uma de suas importâncias, relatar a história da evolução do morar contemporâneo.

Portanto, é necessário que todo o patrimônio moderno seja protegido e conservado, para evidenciar seu valor histórico durante a evolução da cidade e para que não seja confundido com edificações sem valor arquitetônico, como muitas que existem no próprio centro patrimonial. Esse último fato, é de ampla relevância para qualquer linguagem arquitetônica, uma vez que, depois de passar por inúmeras modificações em suas características, os edifícios, assim como outros monumentos, possam fugir de sua linha original de criação e perder seu valor de autenticidade.

## Referências

LOPES, Jose Antonio Viana; São Luís, Capital Moderna e Cidade Colonial; Antônio Lopes da Cunha e a preservação do Patrimônio cultural Ludovicense; 2011; In: *Saboya Ribeiro e o Urbanismo Moderno em São Luís* cap.3.

Segawa, Hugo; Arquiteturas no Brasil 1900-1990; 1998.

SÃO LUÍS, ilha do Maranhão e Alcântara; guia de arquitetura e paisagem. In: PFLUEGER, Grete; LOPES, Jose Antonio Viana. *Arquiteturas do século XX* p.80 & In: LOPES, Jose Antonio Viana. *O Urbanismo Sanitarista em São Luís* p.27.

Jorge, Miércio de Miranda; Álbum Do Maranhão do ano de 1950; Acervo Da Biblioteca Pública;

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo Porto Alegre; Di Giacomo dias Oliveira dos Santos, Karla; Um habitat “moderno” para as Cidades Interioranas do Brasil: o Bangalô; 2016

Pesquisa acadêmica PIBIC UEMA 2006- Arquitetura do séc.xx um estudo do bangalô e da arquitetura moderna em São Luís. Ideário Pesquisadora Oliveira, Etianne; Professora Orientadora, PFLUEGER, Grete.

Pesquisa acadêmica PIBIC UEMA 2014-2015 - Ideário Urbano e Arquitetura do Século xx em São Luís. Pesquisadora Jemina, Junylla; Voluntária, Franco Lima, Gisele; Professora Orientadora, PFLUEGER, Grete.